



O PROFESSOR DE FILOSOFIA E AS FILOSOFIAS

Júlio César Castilho Razera¹

O professor Fiodor tinha naquela época uns sessenta anos de idade. Nascido russo, veio com os tios ainda criança para o Brasil, fugido de alguma situação pouco esclarecida. Era alto, magro e expressão facial de muita seriedade. Com os óculos sempre posicionados na parte baixa do longo nariz, seu olhar era inquiridor. Falava pouco e baixo, mas seus gestos característicos de sala de aula valiam mais que um inflamado discurso de qualquer outro professor da escola.

Os alunos da classe tinham mais medo dele do que respeito. Quando Fiodor virava para escrever na lousa, não eram poucas as ocasiões em que recebia apunhaladas invisíveis e gestos obscenos de todo tipo, como se fosse um contra-ataque virtual daqueles jovens rebeldes. Certo dia, numa roda de conversa entre os colegas de turma, ouviu-se Ivan cochichar: - *Quem não deseja?* Referindo-se aos desejos maldosos que casualmente passam pela mente dos alunos.

Na verdade, a culpa era mais da matéria que do professor. A Filosofia perde espaço na cabeça dos jovens, tornando-se incompreensível para essa faixa etária em que a sexualidade é manifestada mais intensamente. E de tão tediosa para eles, a matéria já é barrada antes de chegar à porta dos ouvidos.

Olhando para os joelhos das moças, naquilo que podia ser visto entre as meias três quarto brancas e a saia azul marinho pregueada, os estudantes deixavam Sócrates, Platão e Aristóteles de lado para construir suas próprias situações reflexivas sobre os ensaios de pequenas frases de efeito, beijos nas costas da mão ou outras simulações de fantasias amorosas. Naquela época, a imaginação era mais presente na juventude do que hoje.

No meio desse devaneio, vez ou outra enxergavam apenas o movimento labial do professor Fiodor. Não havia som, não havia articulação, não havia ligação das palavras proferidas pelo mestre com a significância que, então, davam à vida presente. E quando voltavam em si, muitos deles, por causa do aborrecimento, ocupavam-se com a busca de adjetivos silenciosos para Fiodor ou rabiscos de feias caricaturas nas folhas de caderno. As alunas, essas não faziam nada, quietas só podiam pensar e não demonstrar o que estavam pensando. Restringiam-se a pequenos olhares e sorrisos.

¹ Doutorando em Educação para a Ciência (UNESP). Professor do Departamento de Ciências Biológicas, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Jequié, BA. E-mail: juliorazera@uesb.br.



E assim as coisas foram acontecendo. Até que, próximo a dezembro, eis que a diretora solenemente entra na classe e marca a data do exame final de cada disciplina, incluindo-se a Filosofia. Foi um alvoroço. Somente ali é que o medo da reprova, repentinamente, despertou neles a necessidade de estudar os textos filosóficos. No entanto, Filosofia não se aprende em poucos dias. Uma semana, esse era o tempo que separavam os alunos do professor Fiodor da temida prova. Mansos perante o agora ínclito mestre e, ao mesmo tempo, desesperados, eles fizeram de tudo para o adiamento da prova. Sem sucesso.

A classe se reuniu algumas vezes na busca de solução. Pensaram em muitas estratégias, mas nenhuma parecia promissora. Os semblantes deles já não escondiam o preço que a ociosidade juvenil teria que pagar. De repente, na última dessas reuniões, ouve-se uma voz vinda lá de trás do grupo: - *Já sei. Deixem comigo. Vocês não precisam se preocupar.* Ninguém levou muito a sério, mas novamente: - *Vocês não precisam se preocupar. Já disse, deixem comigo que eu resolvo.* Surpresos, todos se viraram para Geni. As afirmações vinham dela. De alguma forma, isso trouxe um momentâneo ânimo aos colegas. Afinal, não tinham mais nada para se apegar, senão a essa pequena esperança meio sem fundamento.

Alguns colegas bem que tentaram tirar algo mais concreto do plano de Geni, mas não tiveram êxito. A pequena esperança diminuiu ainda mais, porque ela era aquilo que hoje podemos chamar de aluna mediana, de pouco se esforçar. Apesar de ser um pouco mais velha que a maioria da turma, sempre quieta, nunca demonstrou relevo intelectual. Até por causa disso era meio desprezada. Aliás, eles sabiam que dentre todos, Geni era a única que não precisava se preocupar muito com a situação, pois ela não tinha mais nenhuma chance de ser aprovada nas outras disciplinas e muito menos em Filosofia. E Geni também sabia disso. Contudo, irradiando otimismo anormal para a situação, só pedia para confiarem nela.

A semana passou e o dia do exame final chegou.

A auto-estima da classe estava baixa. Os alunos pareciam esperar por uma condenação. Condenados à reprovação e, pior, a agüentar Filosofia por mais um ano.

Cabisbaixos, todos se levantaram na entrada do sempre sisudo Fiodor. Ele não falou nada. Como de costume, fez todos se sentarem num único gesto de mão.

Não cabia espaço para conjeturas. Mesmo assim, chegaram a pensar que o professor fosse desmarcar a prova, ou aplicar uma bem acessível, ou deixar colar. Enfim, que algo pudesse acontecer em prol deles. Que nada. O professor Fiodor seguiu inflexível no seu intento. Uma prova mais difícil do que imaginavam. Se não todos, a maioria entregou a folha de respostas quase em branco. O resultado seria desastroso. Por causa disso, alguns destratarem a colega em



que haviam depositado confiança. Pobre Geni.

Uns três dias depois, quando o grupo rodeava a secretária, que terminava de fixar as papeletas no mural do pátio da escola, veio a grande surpresa. As notas azuis estavam lá. Todos haviam sido aprovados em Filosofia. Exceto Geni, cuja nota grafada em forte tinta vermelha destoava das demais. Ela foi reprovada em Português, Matemática, Latim, Ciências e também em Filosofia. Nem sequer apareceu para tomar conhecimento de suas notas. Nunca mais a viram. No entanto, foi carinhosamente lembrada pela turma durante um bom tempo.

Ela, a aluna medíocre da classe, já na época tinha a sua própria filosofia. Assim como o professor Fiodor. Filosofias diferentes, mas nem por isso inseduzíveis.

No ano seguinte, o último daquela turma do secundário, soube-se que Geni fora transferida para outro colégio. O professor Fiodor também. Para o mesmo dela.